

las vias racionais da lógica. As forças estéticas, que acreditavam ter esgotados os recursos da inspiração “gótica”, procuram novas fórmulas rejuvenescidas pela Renascença italiana.

Ao texto foi acrescentado uma importante bibliografia, quadros cronológicos e genealógicos e, sobretudo, uma rica iconografia (182 documentos). Tudo isso torna o livro bastante agradável e útil para os que se iniciam nos estudos medievais. Recomendamos, pois, a sua leitura.

E. S. P.

\* \*  
\*

LIPINER (Elias). — *O judaizantes nas Capitanias de Cima*. — Editôra Brasiliense. São Paulo. 1969. 226 páginas.

Com êsse sugestivo título o senhor Elias Lipiner oferece aos estudiosos importantes elementos para a reelaboração de nossa história social e para a elaboração de uma história da espiritualidade, campo ainda inédito na historiografia brasileira.

Apoiado nos textos inquisitoriais publicados, das *Confissões* e *Denúncias* feitas ao Santo Ofício na Bahia e em Pernambuco no fim do século XVI e início do século XVII, o A. procurou delinear sentimentos dos indivíduos e traços da psicologia coletiva. Além disso, fixou cenas do cotidiano, propôs vários problemas de ordem social, econômica e política da vida da Colônia.

Nos seis primeiros capítulos do livro procurou o A. pintar a sociedade das capitanias da Bahia e de Pernambuco ao tempo das *Visitações* da Inquisição Portuguesa: o ambiente de inquietação que se instalou ao ser difundida a notícia da chegada do 1º Visitador, a resistência dos cristãos-nôvos aqui estabelecidos à ação preventiva e repressiva do Santo Ofício, o incentivo que a Inquisição dava à vigilância social, o atrativo que as terras onde imperava a liberdade de crença exercia sobre os judeus, e os problemas da censura intelectual.

Nos sete capítulos finais, o A. passa à história biográfica: processos que no Santo Ofício sofreram os Antunes, os Lopes, os Fernandes, João Nunes e Bento Teixeira.

Dêses capítulos emerge uma série de problemas do maior relêvo para a compreensão da vida colonial. Um exemplo: a assimilação dos grupos cristão-nôvo e cristão-velho, que contém, no seu substrato, o sincretismo judaico-cristão. Infelizmente não foi levada em consideração a diferença entre o cripto-judeu e o cristão-nôvo, nem a essência da espiritualidade jesuítica, chave de explicação da tolerância que tiveram, no Brasil, os filhos de Santo Inácio com as idéias e comportamentos sociais dos vários grupos inclusive o hebraico.

A exagerada sensibilidade diante das questões religiosas foi no livro apontada como a explicação para muitos comportamentos diante do Santo Ofício.

Também à divergência de cristãos-nôvos e cristãos-velhos diante do conceito de honra foi anotada sem as conotações de maior ou menor abertura de ambos os grupos à cultura vigente na Metrópole.

No 3º capítulo, sob o sugestivo título “Espreitando por um buraco da porta” foi mostrado o incentivo que a Inquisição deu à vigência da vida alheia. Apareceram aí *flashes* da atmosfera provinciana, e a sugestão da existência de resíduos do Judaísmo nas feitiçarias, o que nos parece abrir novas perspectivas de investigação num tema que vem ocupando — principalmente depois dos trabalhos de Robert Mandrou — lugar de destaque na história das mentalidades.

No capítulo sôbre a Censura Intelectual duas observações podem induzir a trabalho de investigação: a identificação dos livros profanos como anti-cristãos, e o temor que os missionários teriam da invasão da “esfera sacramental pela vida profana” uma vez que o clima reinante era o tridentino (no qual se insere a raiz da censura) e tal clima previa e requeria, ao que se sabe, o trabalho unísono de eclesiásticos e leigos.

Absolutamente pertinentes as observações feitas no capítulo “Genealogio” sôbre a omissão de nomes judaicos das genealogias e dos registros nobiliárquicos que vêm dificultando os estudos demográficos.

Lamentamos apenas que a falta de manuseio dos processos inquisitoriais tenha, em alguns pontos, prejudicado a história biográfica tentada pelo A. como índice de explicação do social. Talvez por isso João Nunes tenha aparecido “como bode expiatório do ódio popular contra arrematadores e onzeneiros” e nisto está explicada sua absolvição. Talvez pelo mesmo motivo tenha sido negada a Bento Teixeira a condição de poeta, e tenham sido incluídos no trabalho certos lugares comuns advindos da *leyenda negra* que envolve o Tribunal da Fé, como por exemplo a do “ambiente de pavor e solenidade durante as sessões de cruéis e teatrais tormentos” ou o do “empenho do Santo Ofício em confiscar os bens transferidos clandestinamente por judeus fugidos da Inquisição de Portugal para a Colônia”.

Mas isso em nada desmerece o valor do livro do senhor Lipiner, que dá uma quantidade enorme de sugestões de trabalhos dentro da mais atualizada orientação histórica.

SÔNIA APARECIDA SIQUEIRA.

\* \*

\*

ARBELLOT (Guy). — *La cartographie statistique automatique appliquée à l'histoire. Une expérience sur 332 villes et villages de Haute-Champagne aux XVIIe et XVIIIe siècles.* S. E. V. P. E. N. Publicação da École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. VIe Section. Paris. 1970. 112 pp. Preço: 34 F.

Tendo por quadro o norte do Departamento de Haute-Marne, situado na antiga Generalidade de Châlons-sur-Marne, este inquérito utiliza toda a documentação estatística existente sôbre essa região nos séculos XVII e XVIII.